

A exposição ***RESPIRAR*** reúne algumas das obras criadas durante a primeira edição do projecto **CELEUMA - residência criativa**, que decorreu durante a Primavera de 2022.

Este projecto é uma iniciativa da Associação de Fotografia Experimental TIRA-OLHOS, com origem num lugar de afectos. Falamos daqueles afectos que mexem com o corpo todo, que achincalham a alma e nos revolvem as vísceras, antes de nos iluminarem com significados e significantes que julgáramos até então conhecer. Falamos de uma espécie de hiato que nos atinge quando entre a vida e a morte se revela a palavra ‘amor’. Cenas densas, sabemos disso. Digerimos: parámos, respirámos e, com o objectivo de partilhar essa experiência e proporcionar um espaço de retiro, pensámos a CELEUMA como uma zona temporária de incentivo ao recolhimento e a dinâmicas mais amigas da criatividade.

Situada num espaço rural, na Freguesia da Cela, concelho de Alcobaça, nesta primeira edição a casa recebeu 13 artistas corajosxs, decididxs a participar num projecto sem histórico e a embarcar numa experiência cujo lema - *a potência do indivíduo é a potência do colectivo* - anunciava uma viagem algo estranha. Mas a premissa era simples: uma vez a salvo das dinâmicas frenéticas e desconectadas do quotidiano, xs artistas foram convidadxs a deixarem-se contaminar pela criação dx residente anterior e a usufruir de um outro enquadramento temporal.

À medida que o projecto ia ganhando vida, também a aura do espaço nos ia surpreendendo. Apesar de xs artistas não se cruzarem na casa e de cada um/a contactar apenas com o projecto dx residente anterior, foi apenas quando o grupo reuniu pela primeira vez, no final do ciclo de residências, que nos espantámos com os fios condutores: os vestígios da natureza, os espasmos da máquina de escrever, a intensidade do azul da prússia, a profundidade do negro carvão, o ruído impactante do silêncio e o ritmo inegável do vento.

Por sugestão de uma das residentes participantes, a artista Isabel Dantas dos Reis - por sinal organizadora do **Festival Analógica** - começámos a namorar a ideia de preparar uma exposição digna desse contexto. Falou-se do espaço *O Lagar*, na Chamusca, e houve quórum. Em consonância com o momento em que a CELEUMA começa a abrir as portas a uma segunda vaga de residentes, parecia-nos adequado celebrar o final desta experiência colectiva. Contudo, hoje, ao entrarmos no espaço *O Lagar*, não resistimos a sentir que esta exposição é, antes, o princípio de qualquer coisa. Uma outra onda de afectos se revela. Aquece-nos, inquieta-nos, desperta-nos...

Ao entrarmos no espaço, numa sala que se afigura como ante-câmara, encontramos as obras de dois artistas: Rui Luís e Alexandre de Magalhães.

À direita, *Estilhaço da Liberdade, uma conversa de Luiza Neto Jorge com Rainer Maria Rilke*, foi o projecto desenvolvido por **Rui Luís** na CELEUMA, curiosamente aí passando e celebrando essa data histórica que é o 25 de Abril. Deambulando pelos espaços circundantes, nomeadamente entre a Cela Nova, o Casal da Maceda e a Cela Velha, Rui foi encontrando vestígios da tumulta que marca esse período revolucionário: sangue encravado em betão, marcas escondidas por entre a vegetação, paragens desabitadas e memórias desencontradas.

Ainda na ante-câmara, vislumbramos um esboço do trabalho produzido pelo residente-piloto **Alexandre de Magalhães**, aquele que assumiu o risco de pisar terreno desconhecido. Em *Study to become a bird*, Alexandre revela alguns desses encontros furtuitos com o silêncio, o noturno e o vazio. Munido da imaginação e de um universo de representação sempre muito próximo do cinematográfico, o artista foi-se deixando seduzir pelo território circundante.

Entrando no espaço amplo d'*O Lagar*, três zonas distintas se apresentam: uma zona de instalação, uma outra com mesas e uma parede expositiva.

Em formato instalação, **Lara Limaverde** expõe o projecto *Quanto tempo dura a ausência? (Da ausência e Do Tempo)*, uma sonata de reflexos internos e externos, memórias profundas e movimentos invertidos. Entregando-se à contemplação e à experiência do burbulhar criativo, Lara foi abraçando o desejo da sublimação e arriscando com a matéria, partilhando por fim uma obra articulada entre o preenchimento e a ausência.

Dispertas em mesas vamos encontrar as obras de quatro artistas: Isabel Dantas dos Reis, Beatriz Areias, Alice WR e Manuela Vaz.

Em *Para quê? Recordas-te?* **Isabel Dantas dos Reis** volta ao seu espaço de conforto (ou deveríamos antes dizer desconforto?). Resistindo, mas regressando a um trabalho sobre a ausência e a memória, o trabalho desenvolvido na Celeuma nasce da troca de correspondência entre os pais da artista, durante os dois anos da comissão do pai enquanto soldado na Guiné-Bissau. Isabel chegou à residência com um passaporte renovado, mas ainda sem certezas sobre a sua identidade. Recolheu, viajou nas palavras e fez a purga. Sobreviveu.

A artista **Beatriz Areias** apresenta-nos *Entre campos*, um conjunto de imagens em azul da prússia (cor característica de um dos primeiros processos fotográficos - a Cianotipia), que contam uma história ao mesmo tempo vibrante e melancólica. Entre a iconicidade das plantas e o vestígio das suas breves vidas, encontramos sinais de uma terra palmilhada e fértil que, ao virar imagem, secou.

Em *A experiência do lugar*, **Alice WR** arriscou navegar sem balizas nem a prioris, confrontando-se com uma dimensão ao mesmo tempo desconhecida e estranhamente familiar. Entre a magia e o terror, encontrou-se com os cheiros da terra molhada e da noite. Enfrentou os vultos, o nascer do sol e a meia-noite. Chovia. Não havia forma de não se olhar.

Também a artista **Manuela Vaz** se confrontou com um abalo na dimensão temporal. Em *com outras plantas*, Manuela partilha a experiência de uma imersão curta, mas intensa. Absorvendo a memória do natural brotar das ervas e das flores que invadem as beiradas dos carreiros, a artista foi explorando as manchas, as cores e as texturas dessa experiência, através de criações fotográficas de impressão lenta, que designamos por 'luminogramas'.

Por fim, na parede que desenha os limites do espaço *O Lagar* encontramos as obras de **Ana Caetano**, **Helena Ferreira**, **Sandra Teixeira** e **Susana Paiva**.

Em *Acordo com o barulho do silêncio* **Ana Caetano** apresenta parte de um vasto corpo de trabalho desenvolvido a partir do meio envolvente da Celeuma. Sem medos, a artista sacudiu os estilhaços do quotidiano e mergulhou na paisagem, recorrendo a várias técnicas para dar conta da sua experiência: ora usando elementos deixados pela artista precedente, ora fazendo registos fotográficos que imprimiu em laser monocromático, ora usando cianotipia. Cortou e colou, deixou espaço para o acaso e divertiu-se com o erro. Ouviu o isolamento, apaixonou-se pela máquina de escrever e accordou com o barulho de frases a nascerem a meio da noite.

Também **Helena Ferreira** nos apresenta parte de dois corpos de trabalho, unidos pela intensidade do negro carvão. Em *O tempo suspenso da travessia*, Helena respiga os despojos do inverno e apresenta-nos quatro desenhos a carvão e cinza realizados com os resíduos sobrantes da lenha que aquecera a casa na noite anterior. Estes desenhos assumem-se suspensos num tempo entre o resquício da matéria inerte, outrora em combustão, e o rastro dos inúmeros trilhos cravados numa paisagem que irrompe rejuvenescida. Já em *O olhar-lupa que mergulha no interior*, Helena partilha o seu encantamento com o pormenor e com o efeito magnificador do corte. Os registos circulares acompanhados por breves frases resultam dos devaneios da visão e da mente que acompanharam as suas caminhadas. Helena Ferreira deixou-se ainda arrebatar pelas marcas da impressora laser, fazendo lembrar a cinza e o carvão usados nos desenhos, tendo assentado para sempre no coração da artista como uma poeira que repousa na superfície.

Som / Tempo / Espaço / Inspirar / Suster / Expirar dá título à obra apresentada pela artista **Sandra Teixeira**, uma vaga de fragmentos que nos fala de ritmos e forças que se renovam num espaço de tempo intermédio. O som do vento emerge como forma de viajar no tempo e as imagens levantam-se como forma de atravessar o espaço. Contidos, estes movimentos de afecto e afinidades, de conluio e afastamento, são intervalos temporais num lugar onde em cada parede é possível encontrar sinais de ruína.

Por fim, a artista **Susana Paiva** partilha connosco um conjunto de obras *Sem Título* criadas através de uma técnica que explora a atracção e a resistência da e com a materialidade de um papel de gelatina e prata pelo qual se enamorou na Celeuma. Sendo esta uma pequena parte da sua experiência completa, intensa e regeneradora na Celeuma, estes quimigramas dão conta da energia vital com o que a qualidade de tempo impacta os artistas: o tempo do silêncio, a luz que desenha o sol nas janelas, a almofada que guarda o nosso sorriso, as flores que saltam dos sofás, o pôr-do-sol, o pôr-do sol, o pôr-do sol...